

Discutindo a performance drag como mídia radical alternativa¹

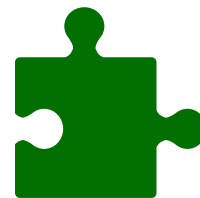
Lucas Bragança²
Universidade Federal Fluminense

Resumo

Em 19 de junho de 2019, no Rio de Janeiro, ocorreu a *Realness*, uma festa itinerante de temática drag que conta com performances de uma trupe de artistas locais para um público majoritariamente jovem e LGBT. A abertura da noite ficou a cargo de Melissa L'orange, uma drag queen conhecida como “professorinha”. Sua estética distoava da espetacularização drag, tendo em vista que Melissa utilizava roupas que poderiam ser usadas por qualquer pessoa em seu cotidiano. Ao som de *Work Bitch* de Britney Spears, a professorinha mostrou o livro *O Capital* de Karl Marx, soltou trechos de reportagens que falavam sobre os cortes de verba das universidades, da reforma da previdência e encerrou sua apresentação vestindo uma faixa presidencial com um grupo de manifestantes que exibiam placas com mensagens como “demarcação de terras indígenas”, “mais LGBTs na política” e “parem de nos matar”. Tendo como ponto de partida essa apresentação, o estudo buscou compreender se as performances drag podem ser consideradas uma mídia radical alternativa, ou seja, uma comunicação em diálogo com os movimentos sociais que se propõem a desestabilizar o status quo, fomentando transformações sociais, políticas e culturais (DOWNING, 2004), bem como disputando a narrativa do conjunto de significados, sentidos e valores que materialmente se estabelecem na sociedade por meio dos aparelhos privados de hegemonia (GRAMSCI, 2007). Para tanto, optou-se por realizar esta investigação a partir da proposição metodológica presente no livro *Mídia radical – rebeldia nas comunicações e movimentos sociais* (2004) de John D. H. Downing. Nela, o autor apresenta um hexágono conceitual que ajudaria na leitura dessas mídias. Esse hexágono é composto pelos tópicos: 1) talento artístico; 2) níveis de memória; 3) realidades pragmáticas; 4) movimentos sociais; 5) duração; 6) estrutura de poder. Partindo da ideia de que essa comunicação presencial é também um tipo de mídia, tendo em vista ser realizada para um público (que é, também, uma comunidade minoritária) através de elementos comunicacionais estéticos e verbais, o estudo apontou para o fato de que as performances drag, em geral, se encontram circunscritas dentro do entendimento da comunicação radical e alternativa. Isso, dado ao fato de serem comunicações que utilizam estruturas fora dos meios tradicionais para comunicar suas demandas para públicos minoritários e produzir discursos-outros que não os veiculados pelas estruturas sociais hegemônicas. Mesmo quando não há demanda política explícita no discurso da performance como no caso de Melissa L'orange, a visualidade drag que repensa a compartimentalização dos gêneros masculino e feminino e explicita esse fato em sua visualidade. É

¹ Trabalho apresentado no GT1 – Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã da XIV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2019, de 24 e 25 de outubro de 2019, na Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.

² Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: lucasbragancafonseca@gmail.com



claro que, conforme o estudo pontuou, essa visualidade drag não pode ser tomada como radical à priori, já que sem a característica da sátira ou da ironia, a visualidade da performance drag pode acabar, também, reafirmando estereótipos de gênero (BUTLER, 2017).

Palavras-chave

Drag queen; mídia radical; mídia alternativa; comunicação; sátira.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. *Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DOWNING, Jhon D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Trad. C. N. Coutinho et al. v. 3, 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.